

RAFAEL BERNARDES PERRI NEVES

**APRESENTANDO O RUGBY COMO PROPOSTA PARA A
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Câmpus Muzambinho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Fabiano Fernandes da Silva .

**MUZAMBINHO
2013**

APRESENTANDO O RUGBY COMO PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Rafael Bernardes Perri Neves¹
Fabiano Fernandes da Silva²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivida com o rugby no meio escolar, junto ao Programa Institucional de Bolsas de iniciação a docência (PIBID), na cidade de Muzambinho-MG. Apresentando uma proposta de abordagem do tema, partindo da diversificação das aulas e promoção da inclusão nas mesmas, no que diz respeito à prática dos esportes e aos sexos. Procuramos também estabelecer relações com características tidas como objetivos do ensino fundamental, no que diz respeito às capacidades dos alunos, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). Para trabalhar o tema foram desenvolvidas aulas baseadas na minimização da violência contida no jogo, proporcionando a prática prazerosa de meninos e meninas simultaneamente, cooperando e se enfrentando. Como resultado tivemos aulas divertidas, que estimularam a curiosidade sobre o tema proposto e uma possível ampliação da compreensão dos fatores que envolvem o universo da Educação Física por parte dos alunos.

Palavras-Chave: Educação Física, Rugby, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Durante o decorrer da história da Educação Física escolar (EFE), percebemos diferentes tratamentos da mesma, com objetivos que se alteraram no passar dos anos, sendo inicialmente relacionada à preparação de jovens para defender o país, passando pela valorização dos mais aptos fisicamente por volta dos anos 50 e 60. Esta filosofia presente nos tempos atuais é vista na preparação e tratamento dado aos jogos escolares, seja no treinamento presente dentro das escolas e até mesmo pela exposição na mídia dos eventos esportivos escolares. Ao observarmos as aulas, notamos algo que perdura desde os anos 70, onde havia uma maior valorização dos alunos mais habilidosos e fisicamente fortes, sem fins educativos. Neste período há também a inclusão nos currículos nacionais dos esportes futebol de salão (futsal), basquete, vôlei e handebol, que são as modalidades mais trabalhadas nas escolas atualmente, desfavorecendo a

¹ Graduando do Curso Superior de Licenciatura em Educação Física

² Orientador da pesquisa

ampliação da cultura corporal de movimento dos alunos, visto a pouca diversificação de conteúdo nas aulas, por motivos como, falta de material e espaço adequado para realização das demais práticas (ABREU e SANTOS, 2011). Sobre a cultura corporal de movimento, Neira e Uvinha (2009) apud. Betti (1992) entendem que:

“(...) afirma que a função pedagógica desse componente é integrar e introduzir os alunos e alunas no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica...).

O rugby é um esporte coletivo de origem inglesa, cuja história se relaciona com o futebol de diversas maneiras, visto que possuem antecedentes comuns em suas histórias. A versão mais comumente relatada e conhecida pelos praticantes do esporte seria a de que o rugby tenha sido criado a partir de uma jogada irregular realizada por William Webb Ellis, em uma partida realizada na universidade de Rugby, na Inglaterra, surgindo inicialmente com nome de “Rugby Football” (CENAMO, 2010 apud. GARCIA, 1964). Dentro das características do jogo, podemos destacar, a forma como se deve passar a bola para um companheiro de equipe, o passe, que deve ser executado jogando a bola sempre para um companheiro de equipe posicionado mais próximo da linha de defesa (in-goal). Outra característica marcante é a forma como se marca o ponto, chamado de “Try”, que se dá ao encostar a bola no solo, no in-goal, área que está localizada no final do campo do adversário. A violência também está presente no jogo, no ato de “tacklear” (derrubar) o oponente com a posse da bola, afim de recuperá-la e impedir o progresso da outra equipe.

Pensando em incluir o rugby no universo da EFE, são necessárias adaptações ao ambiente da escola, o que inclui, principalmente o espaço disponível para a prática e a falta de materiais adequados ao rugby. Segundo Vaz (2005), a partida de rugby se torna limitada a pisos duros, sendo o contato fundamental para o processo de ensino e aprendizagem, devendo ser fixadas aos alunos algumas normas de conduta e comportamento, garantindo a segurança individual e coletiva.

Desta forma, buscar modalidades com características semelhantes e materiais alternativos podem ajudar no processo. Sabemos que o futsal é a modalidade esportiva dominante entre os alunos. O “bitoque”, modalidade onde substitui-se a queda (tackle)

pelo toque simultâneo das mãos do defensor no jogador com posse de bola, e o “tag” que utiliza fitas presas ao calção dos jogadores. As modalidades que excluem a violência e possibilitam a prática em quadras poliesportivas. Sendo assim, nos apoiamos no que diz Leonardo, Scaglia e Reverdito (2009) que existe uma complexidade entre cada família de jogos e que cada jogo é capaz de trazer influências positivas para a aprendizagem de cada modalidade. O rugby e o futsal podem ser incluídos em algumas famílias de jogos coletivos como, jogos com bola, jogos de invasão entre outras. Estas famílias utilizam-se de princípios operacionais de ataque e defesa no decorrer da partida. Logo, se conseguirmos ensinar o rugby de maneira adaptada, com a ajuda das regras e ações do futsal, concomitantemente à exclusão das jogadas de contato agressivo como no “bitoque” e no “tag” poderemos trazer o mesmo prazer de jogar futebol aos praticantes de rugby na EFE.

Mesmo com a necessidade de exclusão da violência para possibilitar a prática em quadras poliesportivas, o rugby nos fornece uma oportunidade para trabalharmos assuntos referentes à violência, devido a presença da violência instrumental contida no jogo de rugby e também pela observação de alguns conflitos entre os alunos durante as aulas que demonstraram a presença da violência agressiva. Martins (2005) cita a violência agressiva ou reactiva e a violência instrumental da seguinte forma:

“A violência reactiva é desencadeada pelas condições que a antecedem, isto é, surge como uma explosão emocional, um nível de tensão e críspação elevados que ultrapassam a capacidade da pessoa para enfrentar o evento social de outra forma; enquanto que a violência instrumental ou proactiva é desencadeada pela perspectiva dos resultados que o indivíduo espera obter, isto é, utiliza-se para se conseguir um determinado resultado.”

Sobre promover a inclusão dos gêneros Pereira e Mourão (2005) dizem que os debates sobre tentativas de superar o modelo tradicional onde pensava-se o corpo em movimento separados por sexo, onde eram definidas atividades que seriam próprias para cada um, pensamento este que esteve presente na Educação Física por muito tempo.

Nos embasamos também em Louzada, Votre e Devide (2007) que afirmam que aulas mistas se mostram socializantes, desfavorecendo confrontos e minimizando as diferenças entre força e habilidades, em detrimento das aulas com separação por sexo, que favorecem o desempenho e são esportivizadas. Nesse sentido, o presente estudo

tem o propósito de apresentar o rugby como um conteúdo específico a ser trabalhado nas aulas de EFE no ensino fundamental, com o propósito de diversificar as aulas de Educação Física, minimizar a seleção por aptos e inaptos e proporcionar o contato com a cultura de outros povos.

METODOLOGIA

A amostra foi constituída por 68 crianças de ambos os sexos (36 meninos e 32 meninas) entre 12 e 14 anos de idade, com estatura média de $1,59 \pm 0,11$ metros e peso médio de $61 \pm 0,62$ quilos, matriculadas na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida da cidade de Muzambinho-MG. Os objetivos do estudo e os procedimentos foram apresentados para os responsáveis que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Além disso, todos os procedimentos experimentais adotados atendiam aos preceitos da Lei 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS - Parecer nº 008/2013).

A pesquisa que se segue é um relato de experiência realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), subprojeto de Educação Física, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho. A intervenção ocorreu na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida. Orientou-se por parâmetros qualitativos, os quais, segundo Godoy (1995, p.58):

(...) não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

O presente trabalho foi dividido em três momentos.

A primeira etapa se deu a partir de observações das aulas de Educação Física da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, localizada no município de Muzambinho – MG, com as turmas do sexto ano “A” e sexto ano “B”. Para auxiliar o diagnóstico, foi realizada junto às observações a aplicação de um questionário aos alunos, onde foram avaliados aspectos como o interesse pelas aulas de Educação Física e a motivação nas mesmas, motivos da não participação nas aulas quando existirem e interesse por algumas novas práticas pouco comuns no meio escolar em nossa região, sendo as perguntas presentes no questionário definidas em reunião junto aos demais integrantes do grupo (PIBID).

O segundo momento foi de revisão bibliográfica, no intuito de analisar os conceitos de diversidade e inclusão presentes nos PCNs (1998) relacionados à Educação Física, a história do rugby no mundo e no Brasil e as possibilidades de ensino do rugby no meio escolar.

Por fim, na terceira etapa, foi elaborada e aplicada uma sequência de 10 aulas. A aplicação das aulas foi desenvolvida durante o período de um mês e duas semanas, com duas aulas semanais de 50 minutos. Neste processo utilizou-se como instrumento diagnóstico um portfólio, onde os alunos discorreram de forma livre sobre as aulas ministradas e ainda manifestaram suas percepções por meio de um desenho que foi analisado buscando identificar os níveis de entendimento dos alunos. Para avaliar a participação dos alunos durante as aulas foi realizada uma filmagem que contribuiu fornecendo informações quanto à inclusão, que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) busca reverter o quadro de aptos e inaptos, incluindo todos em uma mesma aula.

Para análise dos dados procurou-se identificar o conhecimento adquirido pelos alunos sobre o rugby e suas possibilidades de prática, assim como a aceitação do mesmo. Para tal, utilizamos um portfólio, que de acordo com Gusman et al. (s/d),

“(…) proporciona uma reflexão crítica do conhecimento construído, das estratégias utilizadas, e da disposição de quem o elabora em continuar aprendendo. O Portfólio constitui uma forma de avaliação dinâmica realizada pelo próprio aluno e que mostra seu desenvolvimento e suas mudanças através do tempo.”

Além disso, de forma prioritária, foram avaliados outros aspectos relacionados à inclusão, ou seja, se algum aluno sentiu dificuldade na prática ou em algum momento

sofreu violência por parte dos demais alunos, sentindo-se excluído ou envergonhado por não saber jogar e/ou teve medo de praticar este novo conteúdo e o porque destas questões. Para avaliar estas situações, utilizamos gravações das aulas aplicadas, que para Carvalho (1996) permite identificar e selecionar “episódios de ensino”, que são momentos que mostram a situação a ser investigada, ou seja, situações que se relacionam com a pergunta do investigador, como, por exemplo, as respostas dos alunos após uma pergunta desestruturadora, momentos das discussões em grupo e ações que desencadeiam processos de busca das soluções dos problemas pesquisados.

Os materiais utilizados durante as aulas foram: bolas de futebol, bolas de vôlei, um pedaço de corda de varal e uma bola velha de futebol para confecção das bolas com material alternativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as observações das aulas de Educação Física dos sextos anos “A” e “B” da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida foi constatado que por algumas vezes as aulas eram divididas em dois momentos de igual duração. Em um momento a quadra era utilizada pelos meninos, que jogavam futsal e em outro momento pelas meninas que jogavam handebol. Pouquíssimas exceções foram observadas, sejam meninos jogando handebol ou meninas jogando futsal, mas sempre mantendo a prática de esportes coletivos tradicionais. A partir disso, surge a necessidade de se estudar formas de ministrar aulas inclusivas, que possibilitassem e motivassem a participação de todos os alunos, minimizando a separação entre aptos e inaptos e as diferenças entre os gêneros e as práticas corporais.

Após análise dos resultados e estudos dos casos observados, foram definidas as temáticas que seriam trabalhadas e avaliadas, dentre elas, o rugby, apresentado neste trabalho. Martins (2011) diz que são raras as vezes em que o rugby é abordado nas aulas de Educação Física. Segundo o autor, a prática recorrente objetiva o alto rendimento ou a recreação. A necessidade de tratá-lo como conhecimento reforça a necessidade de um plano de aulas feito com cuidado, buscando algo além da simples prática, mas sua

compreensão como um fenômeno cultural que envolve valores, conhecimentos diversos e organização.

O rugby não possui regras complexas, fator que facilita a aprendizagem e o entendimento dos alunos. Alves e Campos (2010) corroboram ao dizer que “o rugby é um jogo fácil de aprender devido à simplicidade técnica da progressão individual com a bola e a acessibilidade da finalização, que por si só já é um fator motivacional.”

Segundo Pereira e Freire (s/d), não podemos possibilitar exclusivamente o desenvolvimento motor, por não ser aceitável o fato de que com apenas duas ou três aulas semanais seja possível potencializar o desenvolvimento motor. Ainda segundo os autores, as aulas de Educação Física são um instrumento da educação integral, compondo aspectos cognitivos, sociais, motores e afetivos, com características culturais da região que está inserido.

Para Venditti e Sousa (2008), é preciso e é possível dar um tratamento pedagógico integrado ao desenvolvimento infantil através da pedagogia do esporte, como forma de melhorar a atuação profissional e o aprendizado dos alunos, uma vez que atuamos como agentes pedagógicos do movimento. Cabe ao professor de Educação Física planejar aulas motivantes com conteúdos diversificados para atender com plenitude aos interesses e necessidades dos alunos, buscando sempre uma metodologia que desperte seus interesses pessoais integrada ao processo de ensino-aprendizagem da EFE. Ainda segundo o autor citado anteriormente, os professores devem buscar pelo desenvolvimento integral dos alunos, propondo atividades desafiadoras que motivem respostas diferentes e estimulem a criatividade dos mesmos.

De acordo com Pereira e Freire (s/d) “é incontestável que todas as disciplinas devam ensinar o aluno a viver em sociedade. A escola e a EFE devem ser vistas como uma prática primordial para o desenvolvimento do indivíduo num ambiente humano, cultural e social.”

As aulas foram elaboradas com atividades lúdicas, que não priorizavam a técnica em momento algum, mas sim o entendimento do processo pela qual o aluno estava passando, compreensão da história do rugby, sua inserção e relação com a cultura brasileira e características básicas necessárias do jogo. As atividades foram cuidadosamente definidas visando a participação de todos simultaneamente, sendo as mesmas sempre mistas. Durante a terceira e décima aulas, os alunos participaram efetivamente da construção das atividades das aulas, na terceira criando o rugby de

acordo com teoria de Willian Webb Ellis, e na décima criando um jogo de rugby inédito, onde o professor teve o papel de mediar as decisões tomadas pelos alunos.

Inicialmente, houve desconforto por parte dos alunos com o novo esporte, por vezes no decorrer das aulas houve pedidos para que fosse realizado o futsal de maneira livre como eram acostumados a fazer durante as aulas. A manutenção do rugby fez com que alguns alunos não participassem da segunda e terceira aula. Como estratégia para incentivar os alunos a participarem de um conteúdo diferente, optamos por utilizar o futsal após a prática do rugby, dizendo aos alunos que se participassem das atividades propostas poderiam jogar futebol durante algum tempo no final das aulas. Entretanto, este combinado não precisou ser cumprido, pois durante as atividades novas (de rugby), os alunos se divertiram, esquecendo o futsal e participando cada vez mais ativamente das aulas, questionando, buscando aprender e ensinar os demais colegas, diminuindo o número de alunos que não participavam das aulas até que ninguém mais ficou de fora. Isso foi observado a partir da quinta aula.

Por meio das observações dos vídeos, podemos identificar um medo inicial em participar das atividades seguido de um crescente número de alunos que participavam das aulas, visto o interesse de alguns alunos que não participavam das aulas de EFE. A aluna B. F. Do sexto ano B afirma em seu portfólio que não participava das aulas por julgá-las chatas, mas agora participa das atividades que foram propostas. Observamos também os alunos se mostrando curiosos, dirigindo várias questões ao professor, muitas vezes indo além do que era proposto. Uma das questões mais interessantes observadas foi a capacidade de organização dos alunos, pois em momento algum foram definidas as posições ou funções de jogo. Contudo, eles se organizaram de tal forma que se confundia com as posições originais do rugby, sempre de maneira livre, sem intervenção do professor neste ponto.

Por buscarmos retirar a violência do jogo, utilizamos somente o “rugby touch” ou “bitoque”, modalidade onde a queda é substituída pelo toque simultâneo das duas mãos, e o “rugby tag”, onde a queda é substituída pela retirada de fitas presas no calção dos alunos. Tivemos a participação de todos, meninos e meninas jogando juntos e se enfrentando. Por ser um esporte desconhecido para todos não houve seleção entre aptos e inaptos, todos estavam aprendendo e ninguém era visto como “melhor que os demais”. Nas avaliações abertas não foi relatado nenhum momento em que se sentiram envergonhados ou incomodados pelos demais colegas. A aluna L. do sexto ano A, relata

ter gostado das atividades por correr e se divertir com todos os colegas, pois cada um faz a sua parte e se diverte do seu jeito.

O interesse e satisfação dos alunos ficaram claras nos portfólios, como citado pelos alunos M. do sexto ano B, ao dizer que “eu gostei do rugby porque é muito divertido e aprendemos a confeccionar a bola de rugby”. O aluno C. D. do sexto ano A, disse que “foi muito legal, eu gostei muito e quero brincar mais vezes.”

Os alunos demonstraram de forma geral, compreender o jogo, regras básicas e como jogar. Não houve nenhum interesse pelo rugby de alto rendimento, pois tratamos de priorizar a vivência compartilhada em detrimento da ênfase na vitória. Com relação aos objetivos relacionados à inclusão e diversidade, que segundo os PCNs (1998) são formas de minimizar a seleção por aptos e inaptos incluindo todos em uma mesma atividade ou aula e trabalhar com conteúdos diferentes durante o período, respectivamente, foi possível observar nos alunos, comportamentos, falas ou demonstrações que levassem a relação com o esperado de um aluno do ensino fundamental, no que diz respeito a suas capacidades, definidas nos PCNs, tais como, ter conhecimento e dar valores à diferenças culturais presentes nos demais países do mundo, inclusive o próprio; posicionar-se contra diferenças sexuais e demais características sociais e individuais.

Ainda que esta experiência tenha se dado de forma muito positiva, faz-se necessários outros trabalhos relacionados ao rugby escolar, ampliando as possibilidades de ensino dessa modalidade esportiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, baseado nas análises dos vídeos e dos portfólios, podemos concluir que o rugby pode ser uma alternativa válida para ser trabalhada nas aulas de Educação Física escolar, com a possibilidade de minimizar a violência instrumental contida no jogo, buscando diversificar o conteúdo e incluir todos em uma mesma aula, minimizando a seleção por aptos e inaptos, atingindo os objetivos propostos pelos PCNs (1998) relacionados à diversidade e inclusão nas aulas. As aulas geraram interesse nos alunos, que se mostraram curiosos, porém, inicialmente houve uma baixa aceitação e até mesmo medo do tema, fator preocupante quando pensamos na ampliação da cultura corporal de movimento dos alunos.

Observamos ainda, a contribuição do rugby no que diz respeito às capacidades esperadas de um aluno do ensino fundamental, definidas nos PCNs (1998), tais como, ter conhecimento e dar valores à diferenças culturais presentes nos demais países do mundo, inclusive o próprio; posicionar-se contra diferenças sexuais e demais características sociais e individuais.. Apesar disso, podemos concluir que a persistência na aplicação da proposta possibilitou vencermos as resistências ao tema proposto, animando-nos para continuar as ações em direção a uma Educação Física mais inclusiva e significativa para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A.; SANTOS, S. L. G. ***A inclusão do rugby na educação física escolar: notas para a construção de uma abordagem de ensino.*** 5º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar (CONPEF), junho, 2011.

ALVES, M. P.; CAMPOS, A. M. N. ***O fresbee e o rugby no cotidiano escolar: possibilidades de diálogo com a cultura corporal.*** III Congresso sudeste de ciências do esporte, Niterói/RJ, 2010.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. ***Parâmetros curriculares nacionais, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, Educação Física.*** Brasil, 1998.

CARVALHO, A. M. P. ***O uso de vídeo na tomada de dados: pesquisando o desenvolvimento do ensino em sala de aula.*** Pro-posições, v. 7. n. 1[19]. p. 5-13. Mar., 1996.

CENAMO, G. C. ***História do rugby.*** Monografia apresentada à escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2010.

GODOY, A. S. ***Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.*** Revista de Administração de Empresas, São Paulo/SP, v.35, n.2, p.57-63, Mar./Abr., 1995.

GUSMAN, A. B.; et al. ***PORTFÓLIO: conceito e construção.*** Universidade de Uberaba – Instituto de formação de educadores. Uberaba/MG, s/d.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO R. S. **O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos.** *Motriz*, v.15. n.2. p.236-246, 2009.

LOUZADA M.; VOTRE S.; DEVIDE F. **Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física.** *Revista brasileira de ciências do esporte*, v.28. n.2. p.55-68, 2007.

MARTINS, F. B. **Apresentando o rugby como um conteúdo específico da Educação Física na escola.** *Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Estudos do Movimento Humano da Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2011.*

MARTINS, M. J. D. **O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados.** *Revista portuguesa de Educação*, v.18. n.1. p.93-115, Portugal, 2005

NEIRA, M. G.; UVINHA R. R. **Cultura corporal: diálogos entre educação física e lazer.** *Editora Vozes, Petrópolis/RJ, 2009.*

PEREIRA, V. S. G.; FREIRE, J. B. **O rúgbi como instrumento para o desenvolvimento psicomotor de escolares.** *Florianópolis/SC, s/d.*

PEREIRA, S. A. M.; MOURÃO, L. **Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos.** *Motriz*, v.11. n.3. p.205-210. Set./Dez., 2005.

VAZ, L. M. T. **Ensino do rugby no meio escolar.** <http://www.efdeportes.com/> revista digital, ano 10. n. 81. Buenos Aires/Argentina, 2005.

VENDITTI, R.; SOUZA, M. A. **Tornando o “jogo possível”: reflexões sobre a pedagogia do esporte, os fundamentos dos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem esportiva.** *Campinas/SP, 2008.*